

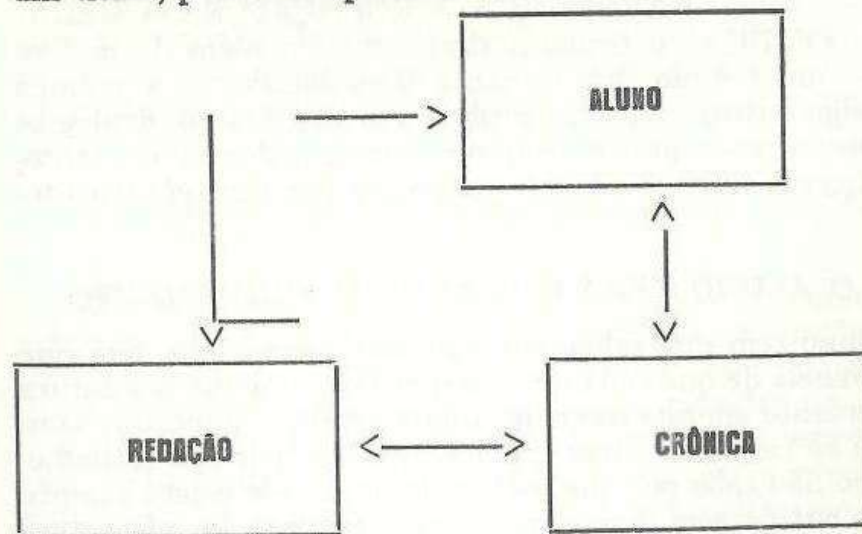
# DA CRÔNICA À REDAÇÃO E DA REDAÇÃO À CRÔNICA

Tentativa de aplicação didática da CRÔNICA, trabalho realizado pelos Licenciandos do Curso de Letras «PUC-RS», no XX CURSO DE REVISÃO DIDÁTICA DA LÍNGUA PORTUGUESA — Julho de 1974

- Niamara Pessoa Ribeiro,
- Dulce Fritsch Ribeiro,
- Amaro Augusto Monteiro,
- Janir Caxias de Souza e
- Engracia Virginia G. Vieira.

## DA CRÔNICA A REDAÇÃO E DA REDAÇÃO A CRÔNICA

Queremos que o ALUNO faça uma REDAÇÃO, mas também que esta REDAÇÃO reflita o ALUNO. Como poderemos, então, na prática, chegar em aula e propor um título ao aluno, que, sem motivação, lhe soará distante e abstrato? Como poderemos, ainda que supondo alguma leitura em nossos alunos, partir de um título, pura e simplesmente?



No gráfico temos, acima de tudo, e de uma certa forma sempre no centro, o ALUNO — é a ele que vamos pedir uma REDAÇÃO. Mas de nada adianta o aluno preencher umas três ou quatro folhas se o assunto permanece sem fundamento e as idéias desencontradas. O mesmo se dá em outro sentido: alunos que têm um bom fundamento, mas não conseguem desenvolver a idéia, limitando-se portanto a três ou quatro linhas. Este é um dos motivos pelos quais o grande "terror" de nossos alunos é a REDAÇÃO.

É neste momento que se fundamenta nossa tentativa: sugerimos que a motivação apresentada seja a CRÔNICA — vamos levar o ALUNO a descobrir a CRÔNICA e vamos ver como é que esse mundo literário, uma vez explorado, vai ajudar a desenvolver a REDAÇÃO.

O ALUNO lê a CRÔNICA: no momento em que a estiver assimilando, ela estará atuando sobre ele, que partirá então para a sua própria REDAÇÃO. Seria um objetivo a curto prazo: partindo da CRÔNICA, o ALUNO alcançaria a sua própria REDAÇÃO.

Indo mais adiante, num objetivo a longo prazo (mas não impossível) tentaríamos que o ALUNO, partindo da CRÔNICA, chegando à sua própria REDAÇÃO, alcançasse fazer também a sua própria CRÔNICA — aí então se fecharia o ciclo proposto no gráfico acima, e estaria realizada a integração do trinômio ALUNO, REDAÇÃO e CRÔNICA.

### **POR QUE A CRÔNICA? UTILIDADES, RAZÕES:**

Denomina-se "DA CRÔNICA À REDAÇÃO E DA REDAÇÃO À CRÔNICA" o trabalho desenvolvido; além do motivo básico — um mundo praticamente inexplorado — a crônica traz consigo outros motivos decisivos em sua eleição, dentre os quais selecionamos quinze, os quais cremos poderem, em síntese, justificar a intenção de nossa escolha por este gênero literário.

#### **1. O ALUNO TERÁ QUE TER UM FUNDAMENTO**

O aluno tem que saber por que está escrevendo, tem que ter consciência de que cada um é responsável por sua assinatura — no momento em que tiver um fundamento, o aluno terá condições de se responsabilizar conscientemente por seu trabalho. Se o aluno não sabe por que está escrevendo, ele estará sempre repetindo outros, sem jamais dar a sua interpretação, não estará criando nem acrescentando nada, e então, como diria Horácio, serão "palavras, e nada mais..."

Com base na crônica, vamos levar o aluno a aliar expressividade intencional à casual. Disse Gilse Campos ser a crônica "a visão do cotidiano em que a subjetividade do autor dá as cartas", e, indo mais além, "... o cronista é isto, o espectador por excelência, o registrador da vida, aquele que impede um pouco a morte dos tempos".

Em termos de fundamento, além de contribuir para a perfeição do estilo e à formação do gosto, e abrir um campo mais vasto para a difusão de idéias e expressão da sensibilidade, partindo do modelo literário da crônica, o aluno poderá alcançar sua independência e criar seu próprio modelo.

#### **2. NÃO PODERA SER DISPERSIVO (ORDEM E COERÊNCIA)**

De um modo geral, não é fácil para os alunos comprarem que façam uma redação: na verdade, não é porque eles não saí-

bam fazê-la, e sim porque lhes falta aquela ordem e aquela coerência necessárias; partindo portanto do exemplo de uma crônica, o aluno verá como o cronista, dentro de um fundamento, coloca suas idéias numa seqüência expositiva na qual predominam esses dois elementos.

#### **3. APRENDERÁ A ESTABELECEER UMA ADEQUAÇÃO ENTRE PALAVRA E PENSAMENTO (QUANTIDADE E QUALIDADE)**

Isto é uma técnica a adquirir; no momento em que souber coordenar suas palavras e pensamentos dentro de uma seqüência expositiva, o aluno terá condições de estabelecer um equilíbrio adequado entre a qualidade e a quantidade expressiva de sua redação.

#### **4. APRENDERÁ A EXPOR SUA IDÉIA DE MANEIRA CLARA**

Fazemos uma idéia aproximada do lugar que uma crônica ocupa no espaço de jornal — com pequenas variações, existe um determinado limite no qual o cronista tem que se enquadrar: então ele tem que encontrar uma maneira de colocar a sua idéia dentro daquele espaço, e de uma certa forma ele tem que ser urgentemente claro; trabalhando então com base na crônica, o aluno aprenderá a esclarecer suas idéias, em primeiro lugar para si próprio, em segundo lugar ao transferi-las para o papel.



## 5. A CRÔNICA É UMA LITERATURA ACESSÍVEL

De um modo geral os alunos reagem quando solicitamos o grande número de livros para o desempenho escolar — este é um dos fatores pelos quais a crônica se faz aconselhável por seu caráter prático. O jornal não é caro, não oferece dificuldades didáticas para seu uso e um único exemplar contém, normalmente, mais de uma crônica, que poderá ser recortada e colecionada.

## 6. A CRÔNICA É ATUAL

Tratando do cotidiano, é natural que a crônica desperte interesse, devido ao seu caráter de atualidade. Apresentando crônicas, estaremos trabalhando com assuntos que os alunos estão acompanhando e, portanto, estaremos dando uma maior possibilidade de expressarem suas opiniões. O tema da crônica motivará uma participação mais intensa e uma possibilidade de expressão mais espontânea.

## 7. A CRÔNICA É DO GOSTO POPULAR

No Brasil, a crônica goza de grande prestígio devido a seu caráter de identificação com os anseios do povo. No momento, em nossa cidade, um dos temas atuais para assuntos de crônica têm sido as questões acerca dos problemas causados pela Fábrica Borregaard; abaixo-assinados, noticiários e toda a natureza de reclamações não atingem propriamente a satisfação popular, mas no momento em que o cronista fala, comenta e muitas vezes satiriza a situação, o povo sente-se vingado. O cronista expressa a opinião popular de modo rápido, acessível, e evidentemente atinge uma identificação com o povo. Foi por isso que durante muitos anos a falta de água no Rio de Janeiro tornou-se o sustentáculo temático de muitos cronistas profundamente populares.

Com muita propriedade, disse Henrique Pongetti: "o cronista é o historiador menor de sua época".

## 8. O ALUNO TERA ANTECIPADO O SEU GOSTO PELA CRÔNICA

É categórico o fato de que a média do povo brasileiro gosta da crônica, mas de modo geral é depois de atingir uma determinada faixa etária que a gente descobre que gosta da crônica,

que é um prazer abrir o jornal em busca de uma. O ideal dessa descoberta seria na adolescência, quando o aluno está em contato com os gêneros literários; uma forma de despertar no aluno este gosto pela crônica seria utilizá-la como motivação para desenvolvimento de redação.

Eduardo Portela diz: "A crônica, acusada injustamente como um desdobramento marginal ou periférico do fazer literário, é o próprio fazer literário (...) Aquele que se apega à notícia, que não é capaz de construir uma existência além do cotidiano, este perde-se no dia-a-dia e tem apenas a vida efêmera do jornal. Os outros, esses transcendem e permanecem".

## 9. BASEANDO-SE NA CRÔNICA, O ALUNO ESTARÁ INTERESSADO E ATUALIZADO

É uma decorrência do que foi dito.

Principalmente em se tratando de 2º Grau, observa-se que um aspecto tem se apresentado com insistência: é o imediatismo, decorrente da expectativa provocada pelo vestibular. Há uma exigência cada vez maior por parte dos alunos, que reivindicam o direito de trabalhar com elementos claros, práticos e atuais, isto sem se falar nas verificações objetivas cada vez mais solicitadas, e na reação quase geral às provas subjetivas, tão necessárias.

A crônica é, portanto, um tipo de texto apropriado principalmente ao temperamento do aluno de 2º Grau (nada impedindo seu emprego no 1º Grau), pois de modo genérico ela é leve, acessível, atual, popular e objetiva.

## 10. A CRÔNICA É LEVE, DE FACIL LEITURA

A pessoa que não cultiva o hábito da leitura, naturalmente não tem condições de escrever, e se o fizer, serão realizações de pouca ou nenhuma expressão. A dura realidade é que um número muito significativo de estudantes não gosta de ler, e só o faz quando é obrigado a tal. É necessário então, ao solicitarmos uma redação, apresentar uma motivação, e esta poderá ser a crônica. Realizar-se-á uma aproximação sem formalismos, os alunos irão senti-la e poderão então compreender porque Manuel Bandeira disse que a crônica "é um bate-papo entre amigos".

## 11. O ALUNO PODERÁ REVELAR SEUS PENDORES LITERÁRIOS NESTA "CONVIVÊNCIA" ARTÍSTICA

Em uma determinada sala de aula, quando a professora pediu uma redação sobre as flores, um aluno expressou-se da



## 5. A CRÔNICA É UMA LITERATURA ACESSÍVEL

De um modo geral os alunos reagem quando solicitamos o grande número de livros para o desempenho escolar — este é um dos fatores pelos quais a crônica se faz aconselhável por seu caráter prático. O jornal não é caro, não oferece dificuldades didáticas para seu uso e um único exemplar contém, normalmente, mais de uma crônica, que poderá ser recortada e colecionada.

## 6. A CRÔNICA É ATUAL

Tratando do cotidiano, é natural que a crônica desperte interesse, devido ao seu caráter de atualidade. Apresentando crônicas, estaremos trabalhando com assuntos que os alunos estão acompanhando e, portanto, estaremos dando uma maior possibilidade de expressarem suas opiniões. O tema da crônica motivará uma participação mais intensa e uma possibilidade de expressão mais espontânea.

## 7. A CRÔNICA É DO GOSTO POPULAR

No Brasil, a crônica goza de grande prestígio devido a seu caráter de identificação com os anseios do povo. No momento, em nossa cidade, um dos temas atuais para assuntos de crônica têm sido as questões acerca dos problemas causados pela Fábrica Borregaard; abaixo-assinados, noticiários e toda a natureza de reclamações não atingem propriamente a satisfação popular, mas no momento em que o cronista fala, comenta e muitas vezes satiriza a situação, o povo sente-se vingado. O cronista expressa a opinião popular de modo rápido, acessível, e evidentemente atinge uma identificação com o povo. Foi por isso que durante muitos anos a falta de água no Rio de Janeiro tornou-se o sustentáculo temático de muitos cronistas profundamente populares.

Com muita propriedade, disse Henrique Pongetti: "o cronista é o historiador menor de sua época".

## 8. O ALUNO TERA ANTECIPADO O SEU GOSTO PELA CRÔNICA

É categórico o fato de que a média do povo brasileiro gosta da crônica, mas de modo geral é depois de atingir uma determinada faixa etária que a gente descobre que gosta da crônica,

que é um prazer abrir o jornal em busca de uma. O ideal dessa descoberta seria na adolescência, quando o aluno está em contato com os gêneros literários; uma forma de despertar no aluno este gosto pela crônica seria utilizá-la como motivação para desenvolvimento de redação.

Eduardo Portela diz: "A crônica, acusada injustamente como um desdobramento marginal ou periférico do fazer literário, é o próprio fazer literário (...) Aquele que se apega à notícia, que não é capaz de construir uma existência além do cotidiano, este perde-se no dia-a-dia e tem apenas a vida efêmera do jornal. Os outros, esses transcendem e permanecem".

## 9. BASEANDO-SE NA CRÔNICA, O ALUNO ESTARÁ INTERESSADO E ATUALIZADO

É uma decorrência do que foi dito.

Principalmente em se tratando de 2º Grau, observa-se que um aspecto tem se apresentado com insistência: é o imediatismo, decorrente da expectativa provocada pelo vestibular. Há uma exigência cada vez maior por parte dos alunos, que reivindicam o direito de trabalhar com elementos claros, práticos e atuais, isto sem se falar nas verificações objetivas cada vez mais solicitadas, e na reação quase geral às provas subjetivas, tão necessárias.

A crônica é, portanto, um tipo de texto apropriado principalmente ao temperamento do aluno de 2º Grau (nada impedindo seu emprego no 1º Grau), pois de modo genérico ela é leve, acessível, atual, popular e objetiva.

## 10. A CRÔNICA É LEVE, DE FACIL LEITURA

A pessoa que não cultiva o hábito da leitura, naturalmente não tem condições de escrever, e se o fizer, serão realizações de pouca ou nenhuma expressão. A dura realidade é que um número muito significativo de estudantes não gosta de ler, e só o faz quando é obrigado a tal. É necessário então, ao solicitarmos uma redação, apresentar uma motivação, e esta poderá ser a crônica. Realizar-se-á uma aproximação sem formalismos, os alunos irão senti-la e poderão então compreender porque Manuel Bandeira disse que a crônica "é um bate-papo entre amigos".

## 11. O ALUNO PODERÁ REVELAR SEUS PENDORES LITERÁRIOS NESTA "CONVIVÊNCIA" ARTÍSTICA

Em uma determinada sala de aula, quando a professora pediu uma redação sobre as flores, um aluno expressou-se da



seguinte maneira: "... as flores são tristes porque estavam no caixão de minha mãe". Embora este aluno tenha tomado um rumo inesperado, expressou seu mundo interior de maneira muito profunda. Podemos crer que havia nele um poeta em potencial que se manifestou no momento em que o centro de sua expressão foi algo que fazia parte de uma experiência pessoal, embora amarga. É isto que tentamos atingir: a valorização das experiências pessoais — colocando nossos alunos em contato com a crônica, desenvolver-se-á uma convivência artística, e muitos cronistas adormecidos poderão se revelar em nossos alunos. A chave da Literatura é a leitura. Nessa reflexão mais séria podemos modificar nossa reflexão de vida. Nosso espírito penetra em coisas que não tínhamos percebido. É nesse sentido que Fidelino de Figueiredo chamou a leitura de aventura do espírito humano.

#### 12. O ALUNO TERÁ APURADO SEU SENSO DE OBSERVAÇÃO E CRÍTICA

Um aluno que não tem senso de observação, que é incapaz de fazer uma crítica, de comparar opiniões, de fundamentar idéias, nunca fará um trabalho original. Com base na crônica, o aluno desenvolverá seu senso de observação e crítica, especificamente do cotidiano.

Assim como a própria obra de arte exige resposta de quem dela se aproxima, também a realidade humana exige uma interpretação. Trabalhar com a crônica inclui a intenção de fundir observações subjetivas ao racionalismo das ações práticas. Disse Fausto Cunha: "Somos a projeção do sonho de alguém, e a arte é a revelação desse sonho". Utilizar a crônica como auxiliar na redação, será proporcionar ao aluno o incentivo de penetrar na realidade humana pelos caminhos do fazer artístico.

#### 13. AMPLA POSSIBILIDADE DE CONEXÃO COM A VIVÊNCIA DO ALUNO

Segundo Elsie Lessa, a crônica é a mercadoria mais vendável, mais fácil de ser colocada. Se utilizarmos principalmente a crônica de jornal, estaremos trabalhando com temas do nosso momento histórico-social, com fatos que se renovam a cada dia e que sofrem a influência de nossa geração. É de se esperar que causem maior interesse textos cujo tema está em conexão direta com a vivência do aluno. Carlinhos Oliveira definiu a crônica como "um modo inventado, ninguém sabe como, no

jornalismo, de deixar o leitor respirar, pensar um pouco. Pode ser definida como um hippie dizendo: podes crer, amizade".

#### 14. ESTE MÉTODO AUXILIARÁ O ALUNO A SEPARAR AS IDÉIAS BÁSICAS DOS PORMENORES DISPENSÁVEIS

Considerando-se a redação como um todo, é necessário uma discriminação de idéias para efetuar-se o conjunto de maneira sensata, principalmente levando-se em conta o fato de que inúmeras vezes há um limite proposto pelo professor, que estabelece as fronteiras mínimas e máximas de um trabalho escrito. Familiarizando-se com a crônica, captando as características assumidas por este gênero, o aluno terá possibilidades de optar pelas ponderações mais oportunas de suas próprias idéias. Utilizando-se a crônica como auxiliar no desenvolvimento da redação, daremos uma ampla possibilidade cinética ao espírito de síntese do educando, afastando-o do risco de perder-se no pormenor e concluir sem nada afirmar.

#### 15. A CRÔNICA FUNCIONARA COMO AUXILIAR NA EXPLOSAO DE IDÉIAS

O conteúdo de uma redação não se mede pelo número de linhas, mas sim pelo número e/ou qualidade de idéias apresentadas. Procurando dinamizar o trinômio ALUNO-REDAÇÃO-CRÔNICA, se realizará uma explosão contínua de idéias. Existe possibilidade de se fazer uma revolução política sem derramamento de sangue, mas uma revolução intelectual só se faz com derramamento de idéias. E um dos fatores com o qual podemos contar ao provocar uma explosão de idéias com a utilização da crônica, é a obtenção da permanente naturalidade durante a polêmica, já que as características desse gênero literário permitem à classe destruir a barreira estabelecida pelo desenvolvimento de anti-pedagógicos e desinteressantes solilóquios, dando uma base para o confronto prático de idéias entre os alunos, inclusive facilitando ao professor a identificação das deficiências individuais da turma.

Concluimos que devemos exigir muito do aluno, que está acima de tudo e de uma certa forma sempre no centro, mas, sempre que necessário for, devemos fazer uma concessão porque estamos numa área humanística, e um trabalho humanístico sem amor não se desenvolve. Disse Gibran que "é no orvalho de pequenas coisas que o coração encontra sua manhã e se sente



refrescado", e com receptividade para o ato criador e humano, encontraremos o orvalho de pequenas coisas contido nas mínimas atitudes de nossos alunos.

("Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende".

João Guimarães Rosa)

Após lermos e analisarmos uma crônica, será natural, por parte de nossos alunos, a reação de se negarem a elaborar uma redação, independentemente dos vários motivos que os podem levar a isto. Como de modo geral a redação é impopular, com base na crônica podemos obter uma redação elaborada de maneira indireta, apresentando perguntas cujas respostas, distribuídas em uma seqüência lógica e estética, formem, no conjunto, a estrutura da redação — estas perguntas teriam por objetivo o levantamento dos elementos intrínsecos à crônica.

Formula-se um questionário, aumentando-se proporcionalmente o número de questões sobre os assuntos mais importantes, visando sempre a obtenção de respostas originais. Ao submeter os alunos a um questionário prévio acerca da crônica em busca da subjetividade de cada um, a objetividade de tais perguntas consistirá em não estarem na mera dependência das casuais opiniões e impressões pessoais e, sim na fundamentação prévia sobre um texto analisado, permitindo-nos, após a correção, chegar a uma idéia aproximada da proporção em que cada aluno assimilou o todo.

Devido, portanto, à natureza do que se deseja medir, coloca-se a dificuldade no conteúdo, e não na forma de apresentação da questão, pois há mais interesse em explorar as atitudes dos alunos diante dos problemas do que em medir o seu rendimento para fins de nota.

Outra forma de aplicação didática que alcança resultados significativos é a comparação estabelecida no confronto entre cronistas de épocas diferentes mas que tratam de assuntos semelhantes, na qual podem ser exploradas as diversas implicações "tema-conteúdo"; o aluno, emitindo apreciações sobre elementos comuns, contraditórios, premonitórios, etc., estará, ao penetrar neste mundo literário, conhecendo a dimensão que a crônica ocupa no tempo e as formas de abordagem que o gênero permite.

Apresentando mais de uma crônica por atividade, estaremos solicitando a capacidade de análise e comparação do aluno nos mais diversos aspectos, salientando as dissemelhanças e evidenciando a relação comum a um conjunto de elementos.

— Para exemplificar, vejamos o que três cronistas dizem sobre um mesmo assunto:

(1)

... "Depois da mudança da Capital para o planalto goiano haverá milagres. Tudo pode acontecer. Um dia, quem sabe? lançaremos uma ponte entre esta cidade e Niterói, uma ponte política, entenda-se, nada impedindo que também se faça uma ponte de ferro. A ponte política ligará dois estados, pois que somos todos fluminenses, e esta cidade passará de Capital de um grande Estado único, a que se dará o nome de Guanabara. Os fluminenses do outro lado da água restituirão Petrópolis aos veranistas e seus recreios. Unidos, seremos alguma coisa mais que separados e, sem desfazer nas outras, nossa Capital será forte e soberda".

(Machado de Assis)

(2)

"Nome: Luís Sinfrônio Maria. Nacionalidade: brasileira. Idade: 103 anos... Veio para o Rio de Janeiro de 1922, e adora conversar e recordar os tempos idos e vividos... — "Já em 1896 falava-se muito na construção da Ponte Rio-Niterói. Ninguém acreditava, todos julgavam humanamente impossível o empreendimento. Diziam mesmo: — "Como, de que jeito vencer o mar, dominá-lo, plantar as vigas numa extensão de água tão grande, alcançar o outro lado da Baía da Guanabara?" O velho Sinfrônio reside em Jacarepaguá ("Sempre gostei de lugares pacatos e aqui em Jacarepaguá estou feliz e no meu mundo")... O velhinho ouviu falar muito na ponte Rio-Niterói. Acompanhou pela tevê seus trabalhos, as lutas, o dinheiro empregado, o munição de operários, etc. E quando completou 103 anos, em abril, pediu à neta que o levasse até a Ponte, queria ver aquilo de perto, admirá-la ao vivo. Para realizar a jornada, Sinfrônio Maria foi conduzido na camioneta de um jornal, em companhia de dois repórteres e a neta... Ficou deslumbrado... e comentou: "Nunca imaginei que ela fosse assim tão majestosa e impressionante... É um novo Rio de Janeiro. Tão e tão diferente dos meus tempos... da minha chegada por mar ao Rio, tantos e tantos anos passados. Passei por ali, exatamente por ali. Gostoso andar agora, quase cem anos depois, sobre o mar, sentadinho, confortável, num carro. Pensamentos de um centenário sentimental"... Viu o que jamais poderia imaginar: a Ponte Rio-Niterói, ele passando sobre ela, orgulhoso de sua terra. Foi uma empolgação".

(Telmo Ferrari. Crônica do Rio — "Jacarepaguá")

(3)



"Não sei mais como explicar ao meu amigo búlgaro onde eu moro há 40 anos. Quando começamos a nos corresponder, mandei-lhe meu endereço, acrescentando: "Rio de Janeiro — Distrito Federal"... para que as cartas dirigidas à Cidade do Rio de Janeiro não fossem parar no Estado do Rio de Janeiro, pois lá não tem cidade com esse nome... Em 1960 escrevi ao meu amigo retificando a parte final do endereço para "Rio de Janeiro — Estado da Guanabara". "Curioso — comentou ele na carta seguinte — quer dizer que você se mudou para outra cidade também chamada Rio de Janeiro, e se instalou numa rua com o mesmo nome da antiga, em casa de número igual?" Respondi-lhe que não, que a cidade do Rio de Janeiro deixara de ser Distrito Federal e passara a ser Estado da Federação. Fora esta mudança, tudo continuava na mesma... compreendeu?"

... Mas agora estou na iminência de pedir ao meu bom amigo que altere novamente o subscrito dos seus envelopes para "Rio de Janeiro — Estado do Rio de Janeiro". Prevejo que, reflexivo como é, Aprilov me esponha suas dúvidas:... "Deduzo que você se mudou para o Estado do Rio de Janeiro, e que neste Estado se construiu uma Cidade do Rio de Janeiro, a menos que o Rio de Janeiro — cidade tenha se transformado em Rio de Janeiro-Estado. Nesta última hipótese, que aconteceu ao antigo Estado do Rio de Janeiro?... Afinal, em que diabo de lugar você mora, meu caro?"

A questão é que eu mesmo não sei bem, ou não sei mais se moro no Rio ou no Estado do Rio... se meus vizinhos aqui domiciliados deixaram de ser cariocas para ser (ou voltar a ser) fluminenses... se os fluminenses passaram a cariocas, ou se preferem adotar uma espécie de dupla cidadania..."

(Carlos Drummond de Andrade. "Questão de Endereço").

Machado de Assis, que sempre pontificou pelo ecletismo, surpreende por uma tomada tão categórica de posição (principalmente) num assunto que envolve contexto sócio-político. Esta crônica vem a desmentir alguma tentativa de classificar como ultrapassado o cronista da vida urbana carioca, e a este respeito é categórico o depoimento de José Augusto Guerra: "Aqui está a crônica machadiana de ontem, de anteontem, a reafirmar sua perenidade, ressuscitando dos jornais velhos, o mudancista e o futurólogo Machado de Assis, partidário da nova Capital, da construção da Ponte Rio-Niterói, da unificação administrativa de cariocas e fluminenses em um Estado que se chama Guanabara... Longe de estarem enterrados, a crônica e o cronista desafiam o tempo. A rigor, não há desafio. Incorporam-se ao tempo, que afinal julga os homens e suas obras. E a crônica machadiana, jornalismo interpretativo da época, pela sua permanência, já está julgada".

Está em questão a dupla Ponte ("... lançaremos uma ponte política, nada impedindo que se faça também uma ponte de ferro"... ) segundo o próprio Machado de Assis.

Machado de Assis é o homem que viu "antes" a ponte, é o homem que acreditou sem ver; é o homem que não alimentou receios e revelou-se um entusiasta da unificação total; é o homem que profetizou os acontecimentos.

Na crônica de Telmo Ferrari temos o homem que viu a ponte "depois"; temos o homem que precisou ver para acreditar; temos o homem que, cronologicamente, acompanhou o progresso, mas não se integrou e viveu à margem das transformações.

Drummond é o homem que "está sobre a ponte", e hesita em decidir se o melhor seria o "estar antes" ou será o "estar depois"; sem ser um saudosista, é o homem que tem um certo receio do que pode acontecer.

Enquanto Machado de Assis tocou objetivamente no assunto, Telmo Ferrari deu nuances líricas ao mesmo, tendo Drummond ironizado as conseqüências reais e hipotéticas do acontecimento.

Mas Machado, Drummond e o personagem de Telmo Ferrari estão, indiscutivelmente, deslumbrados como fato; são depoimentos que traduzem inequivocamente espíritos impressionados pela monumentalidade da construção e pela extensão de suas conseqüências.

## BIBLIOGRAFIA

- GUERRA, José Augusto — Testemunhos de Crítica — Editora Universitária — Recife.  
MARTINS, Luís — Suplemento Literário — Conselho Estadual de Literatura — São Paulo — 1972.  
COUTINHO, Afrânio — Antologia Brasileira de Literatura — Rio — 1967.  
Jornal do Brasil — 1973.  
Correio do Povo — Julho de 1974.  
Folha da Tarde — Abril de 1974.